



PRAÇA D'ISPAHAN.

Do estado da cidade de Ispahan em nossos dias e dos persas modernos demos larga noticia no vol. 2.º do Panorama (anno de 1838) a pag. 186. Apresentamos agora a vista do meidan que é considerada uma das maiores praças do mundo. Hoje que a antiga capital da Persia está muito decaída do seu pristino esplendor, o meidan vê se deserto, e o mercado, cujas barracas enchiam a sua vastissima extensão, faz-se actualmente apenas n'uma das extremidades da praça; é todo rodeado de arcadas, porticos e casas, sendo, porém, o seu principal ornamento a mesquita real. Salvo algumas deteriorações produzidas pelo tempo, acha-se ainda como o viu e descreveu o nosso curioso e classico escriptor na relação de sua viagem da India por terra (cap. 13.º) no anno de 1663. Diz assim no seu costumado estylo ameno e singelo.

«A cõrte da Persia pozeram primeiro os sophis d'ella na cidade de Taurisio (*Tauris*); depois a mudaram para Casbin, onde ainda hoje se vêem uns magnificos palacios que occupam um quarto de legua. N'esta cidade estão sepultados Mardocheu e Esther, por cuja devoção vivem n'ella passante de cincoenta mil hebreus. Ultimamente se passou a cõrte para Haspahão (Ispahan), cidade amplissima na provincia de Hierach, sita em 76 graus de longitude e 34 de latitude. Contavam-se n'ella antigamente 500000 visinhos; porém, agora são muito menos por causa de uma grande crueldade, que certo rei da Persia usou com seus moradores por se lhe terem rebellado no anno de 1570: não são, comtudo, tão poucos que não passem de 250000; parte dos quaes

trouxe o rei Xá-Abbas da Armenia, Gurgistan, Gauristan, Yesd e outras provincias, que conquistou.

«É Haspahão a cõrte de mais sumptuosos edificios que tem o mundo; são as casas todas de pedraria por fora, e por dentro doiradas e pintadas ás mil maravilhas; as paredes costumam cobrir de vidros de Veneza, embutidos com pouca distancia de uns a outros, despresando todo o genero de armações de seda, por na Persia ser muito barata. A delicia da terra, a frescura, as quintas, os jardins, os tanques e pomares, a abundancia de todo o necessario para a vida humana, o regalo das fructas assim da Europa como da India, que todo o anno se vendem frescas na praça, a bondade dos ares, a grandeza com que se tratam os senhores, a riqueza dos vestidos, a frequencia dos estrangeiros, a multidão do povo, é a maior coisa que imaginar-se pode. Ornã a cidade passante de cem torres mui altas; e de obra prima, entre as quaes se avanta a que está na cavallariça real, cujo fastigio é composto de pontas de veados, dos quaes o rei Thamaz matou em um dia trinta mil andando á caça. O castello está posto a uma parte da cidade com dois muros e fosso fecho, quarenta torres, e muita artilheria; n'elle habita o visir mór, ou Tamad Daulech, como elles lhe chamam, que tem cuidado do thesouro real e da fortaleza.

«O paço real fica em uma espaçosa e grande praça, onde ordinariamente ha feira geral, em que se vende quanto se pode pedir por bocca; é fabricado com summa magestade e grandeza, tem as paredes por dentro e por fora doiradas com mil pinturas e ga-

lantarias; a praça ou terreiro tem 700 passos de comprido e de largo 250; diante do paço estão deitadas no chão 30 peças grossas de bronze que levaram de Ormuz. A roda do terreiro convidam a todos com sua sombra grandes e frescas arvores, encostadas a muitas casas, feitas de ladrilho com seus cobertos e abobadas, em que moram ourives da prata e ouro, lapidarios, boticarios, pasteleiros e outra gente que vende comer feito e guisado.

«A uma ilharga se levanta uma sumptuosissima mesquita de pedra de cantaria, para a qual se sobe por treze degraus abertos n'uma só pedra. Da outra parte fica a casa da moeda.

«Tem o rei perto da cidade uma casa de prazer com um jardim formosissimo, cercado de altos e frescos arvoredos, por nome Chaerbagh, entre o qual e a cidade passa o rio Zinderoend, que tem uma ponte de pedra. Tres dias de jornada de Haspahan fica um alto monte chamado Abecoura, todo de asperas e durissimas penhas, que os reis da Persia ha muitos annos intentam romper para trazerem á côrte certo rio que corre da outra parte d'aquelle monte. No anno de 1624, se averiguou que andavam trabalhando n'esta obra 200000 gastadores, contendendo entre si os grandes do reino sobre quem mais concorreria com dinheiro para as despesas. Não falta já mais por romper que 100 passos de comprido e 150 covados de alto.»

Confronte-se esta descripção com a de mr. Morier, que viajou nos annos de 1806 e 1809, e achar-se-ha perfeitamente, se bem que Ispahan deixando de ser côrte, a qual passou para Teheran, perden muito da sua opulencia, soffrendo além dos estragos do tempo os da invasão dos Afghans em 1722; comtudo, em 1798 Feth-Ali-Shah a reparou, e no meidan subsistem as construcções mais antigas, conservando-se sem quebra de magnificencia o palacio e a mesquita, obras do poderoso Shah-Abbas.

Diremos de passagem que *shah* ou *chah*, que os escriptores portuguezes das coisas da India escreveram *xá* seguindo a pronunciação, significa rei ou imperador e é o titulo que tomam os monarchas da Persia ajuntando-o ao seu nome proprio; d'ahi vem igualmente que precede o de muitas cidades fundadas por estes soberanos.

M.

PHOTOGRAPHIA EM PAPEL.

(TALBOTYPIA).

Foi sem duvida alguma o inglez mr. Fox Talbot o inventor da photographia em papel. Em 1831 mr. Talbot publicou o seu processo no *Philosophical Magazine* e apresentou á sociedade real de Londres uma notavel collecção de desenhos photographicos. N'essa epoca ainda Daguerre não tinha publicado o seu processo.

A descoberta de Talbot foi pouco conhecida em França até 1847, que mr. Blanquart Evrard negociante de pannos em Lille se apresentou com um processo de photographia em papel. Quasi todos proclamaram então mr. Evrard como descobridor d'esta parte da photographia. Dentro em pouco se fez justiça ao verdadeiro autor. Regnault, Asibré, Fabre, Legrezy e Baldus são os aperfeiçoadores da Talbotypia.

Vejamos primeiro em que consiste o processo para obter imagens sobre o papel. Será facil o compre-

hender tudo o que temos a dizer, depois do conhecimento da Daguerreotypia.

No processo de Daguerre as imagens são obtidas immediatamente sobre chapas metalicas; na photographia em papel já não é assim.

Primeiro obtem-se uma imagem, que tem as sombras onde o objecto tem os claros, e vice-versa. Chama-se a esta imagem o *negativo*: é com ella que depois se prepara uma outra onde as sombras e claros tem a mesma posição, que as dos objectos que se pretendiam copiar. Chama-se a esta segunda imagem o *positivo*.

O resultado da photographia em papel depende em grande parte da escolha d'este.

O papel deve ser escolhido com todo o cuidado, olhando o por transparencia, e rejeitando todas as folhas cuja pasta não fór homogenea. Dos differentes defeitos que o papel pode apresentar, o peor vem a ser, partes muito transparentes, que produzem depois manchas negras difficéis de tirar — Das duas faces do papel uma é menos lisa que a outra, essa marca-se com um signal a lapis para a distinguir.

A fim de ter uma superficie bem lisa e igual é util encerar o papel: para isso funde-se alguma cera a banho maria, e quando ella se acha perfeitamente fundida, mergulha-se-lhe uma folha de papel com cuidado para que não fique bolha d'ar ou de vapor entre o papel e a camada de cera. Tira-se e faz-se escorrer o excesso de cera. No banho se mergulha uma nova folha, e assim por diante.

A substancia que se emprega como sensibilisadora é o iodureto de prata em dissolução. O papel mergulha-se n'essa dissolução, tira-se e secça-se espetando cada uma das folhas por um dos angulos em um cajilho de madeira.

Segue-se levar o papel á camara de Daguerre do mesmo modo que se faz com a chapa, tendo o cuidado de o collocar bem no foco.

A luz opera ahi sobre o iodureto de prata, mas incompletamente. Para que a imagem se torne visivel é necessario usar de substancias reveladoras.

O acido galhico é a substancia que se emprega com vantagem para fazer desinvolver as imagens no papel. Emprega-se em dissolução e aquecendo-se ligeiramente. O acido reagindo sobre a prata forma um sal negro; o galhato de prata, e a imagem apparece logo. O acido só actua sobre as partes que soffreram a acção da luz; as outras não se alteram.

Conclue-se a operação com a lavagem no hyposulfito de soda, lavagem que tem por fim dissolver todo o iodureto de prata, que não foi actuado pela luz. Eis como se prepara o negativo.

Preparação do positivo. Tomam-se folhas de papel escolhidas com o mesmo ou ainda maior cuidado, que para a preparação do negativo. Impregnam-se de chlorureto de prata e seccam-se. Toma-se o negativo, colloca-se sobre uma folha preparada do modo que se acaba de dizer, apertam-se ambas entre chapas de vidro e expõem-se á luz. A luz, atravessando os claros do negativo, faz sombras no papel inferior, porque enegrece o sal de prata. Pelo contrario, as partes que ficam debaixo das sombras não são impressionadas, porque a luz não as toca. Passado o tempo sufficiente, lava-se em hyposulfito de soda.

O negativo pode tornar a servir para a preparação d'outros positivos.

PHOTOGRAPHIA EM VIDRO.

(NIÉPCOTYPIA)

Foi mr. Niepce de S. Victor, sobrinho do socio de

Daguerre quem em 1847 descobriu a photographia em vidro. O processo que se emprega para obter as imagens é muito similhante ao da photographia em papel. É necessario obter duas provas, a negativa e depois a positiva; esta obtem-se sobre o papel aquella sobre o vidro. Preferiu-se o vidro ao papel para a preparação do negativo, porque sendo muito liso; a camada sensivel fica muito mais egual, e a imagem se forma com a mesma perfeição que tem na chapa.

O vidro deve ser d'espelho bem liso e direito; limpa-se muito bem com alcool ou mesmo com agua acidulada, e esfrega-se com um corpo secco para ficar bem limpo. Cobre-se depois d'uma camada de clara d'ovo d'egual espessura em toda a superficie da chapa. Sensibilisa-se com dissolução de nitrato de prata e acido acetico cristalisavel, e procede-se do mesmo modo que para a photographia em papel.

O positivo prepara-se do modo ordinario.

PHOTOGRAPHIA EM COLLODION.

Historia.—Em 1846 Schoenbein de Bale descobriu o algodão polvora, quasi ao mesmo tempo que Boettger de Franckfort. Dissolvendo o algodão polvora no ether alcoolico, obtem-se um liquido siruposo que seccando forma uma especie de verniz, e que é o collodion.

Foi em 1850 que M. G. Legray teve a idéa de applicar o collodion em photographia; essa idéa apparece no tratado de photographia, que n'essa epoca Legray publicou. Era a substituir a albumina que a nova substancia era chamada, quando se quizessem obter imagens com grande rapidez.

Foi porém o inglez Archer quem generalisou o novo processo em 1851. As substancias de que se servia eram as seguintes: Uma camada de collodion sobre o vidro, a qual estava combinada com o iodureto de prata. Sensibilisava se o collodion mergulhando-se em um banho de nitrato de prata; a substancia reveladora era o acido pyrogallico, e a que fixava o hyposulfito de soda.

Em 1852 mr. Brebisson publicou o seu methodo de photographia em vidro com o collodion, fazendo algumas modificações ao primeiro processo.

Em 1853 Herschel conseguiu mostrar a importancia da substituição do bromio ao iode. Empregava os bromuretos em vez dos ioduretos, na preparação do collodion photographico.

As razões que levaram mr. Herschel a preferir o bromio foram tiradas da facilidade com que as côres mais difficéis de fixar, o vermelho e o verde, se podiam obter quasi ao mesmo tempo que as outras.

Pratica. Tome-se o collodion e sensibilise-se com o iodureto de ammonium; as formulas mais usadas são as seguintes:

1.º

Collodion.....	100 centim. cubicos
Ether de 60°.....	130
Iodureto de ammonium.....	2 grammas.

2.º

Collodion.....	80 cent. cub.
Ether de 60°.....	120
Alcool de 38° saturado de iodureto de potassio.....	15
Alcool de 40° satur. de iodureto de ammonium.....	2

3.º

Collodion.....	80 cent. cub.
Ether.....	130
Licór de cadmium (1).....	24

Estas preparações juntas, ou separadas costumam dar bons resultados. O liquido pode preparar se no momento em que deve servir, ou estar preparado de antemão. Em geral é conveniente addicionar-lhe algumas gotas de ammonia 10 ou 12 horas antes de servir. A ammonia dá-lhe uma fluidez conveniente, e parece mesmo augmentar-lhe a sensibilidade. Deve haver todo o cuidado com a consistencia do liquido; se estiver muito consistente, de modo que seja difficil de verter, deve juntar-se-lhe ether e alcool; se demasiadamente fluido é então collodion que se deve addicionar.

Já dissemos que o liquido photogenico podia preparar-se com anticipação, porém n'esta parte temos a fazer uma observação importante. O collodion photogenico perde a sua sensibilidade com o tempo; assim em geral devem fazer-se porções pequenas e só para oito ou dez dias. Os restos poderão ainda servir, fazendo-os entrar na formação de novos preparados.

Preparação do negativo.—Devem escolher-se laminas de vidro bem planas, aliás quebram-se quando se quizerem obter os positivos. Em geral não nos poderemos servir senão do vidro d'espelho.

Preparação do vidro.—Lava-se e esfrega-se com algodão molhado em alcool e algumas gotas de ammonia; depois de bem lavado limpa-se esfregando sempre, e secca-se. O vidro deve ficar bem polido, e o modo de o verificar consiste em o bafejar; se a camada de humidade que se deposita apresentar a mesma côr e aspecto em toda a superficie da lamina, é signal de que está bem polida.

Collodionagem.—Toma-se a chapa de vidro com a mão esquerda, e com a direita vae-se deitando lentamente o collodion proximo de um dos angulos da lamina. A proporção que se vae executando isto, o operador dá differentes inclinações á chapa, afim de que o collodion vá correndo sobre a superficie do vidro. Esta operação termina quando sobre a chapa tivermos uma camada de collodion d'espessura uniforme. A collodionagem far-se-ha de modo que quando esteja concluida ainda o collodion esteja humido.

Banho.—Leva-se a chapa ao banho sensibilizador, que já descrevemos, e deixa-se n'elle algum tempo. O banho deve cobrir a chapa ligeiramente.

Camara escura.—Immediatamente se leva á camara, onde se deixa estar antes mais que menos tempo.

Revelar.—Diversas são as receitas empregadas para fazer apparecer a imagem. Em geral são o acetato de nitrato de prata e o acido pyrogallico os corpos que se empregam. (2) Colloca-se a chapa horisontalmente sobre um pé ao modo ordinario, ou se procede como na collodionagem. Esta operação precisa de ordinario ser repetida differentes vezes, e a imagem

(1) Formula do licór de cadmium:

Alcool de 40°.....	100 grammas
Bromureto de cadmium.....	2
Iodureto d'ammonium.....	1
Iodureto de potassi.....	4

(2) Agua distillada..... 100 grammas
Nitrato de prata..... 4

Agua distillada.....	100 grammas
Acido pyrogallico.....	0,5
Acido acetico cristalisavel.....	7 centim. cub.

apparecerá. Se a imagem fôr apparecendo muito depressa convém addicionar alguma agua distillada, para que a acção do acido pyrogallico seja menos intensa.

Fixação. — Com o hyposulfito de soda do modo ordinario.

PREPARAÇÃO DO POSITIVO.

Papel. — Deve ser escolhido com todo o cuidado como já se disse quando se fallou de photographia em papel. Escolhido o papel, e cortado de modo conveniente, mergulha-se em uma dissolução de chlorureto de sodio (sal ordinario). (1) Enxuga-se em papel pardo. O papel assim preparado mette-se no banho de nitrato de prata, segurando a folha por uma das pontas e applicando a face lisa para o banho, fixa-se sobre uma cortiça.

Segue-se a preparação do positivo, para o que se começa por limpar a parte posterior do vidro do negativo e cobre-se o collodion com o papel positivo do lado que foi preparado; em cima põe-se alguma folha de papel, e depois comprime-se em um caixilho que está convenientemente disposto. O vidro volta-se para a luz, de modo que a receba o meos obliquamente que fôr possível.

Não é facil o determinar d'um modo geral, qual deva ser o tempo d'exposição para obter o positivo; differentes circumstancias podem accelerar ou retardar a sua formação. Se o dia é claro e ha bom sol, bastam alguns minutos, oito ou dez; se está humido e escuro podem ser precisas duas, quatro horas, e mesmo um dia inteiro.

Fixação. — Faz-se do modo ordinario, mergulhando primeiro o positivo em agua distillada, e depois no banho de hyposulfito de soda. A fixação deve antes prolongar-se que apressar-se.

Seccagem. — Se o dia está humido deverá seccar-se a fogo brando, ou entre papel pardo; sempre que o dia permittir deve preferir-se a seccagem ao ar livre.

Um processo moderno consiste em applicar o collodion secco, o que permittre preparar as chapas anticipadamente. Empregam-se então os chloruretos em logar dos ioduretos, pois estes perdem a sensibilidade quando estão seccos, e aquelles não.

Comparação. — Devemos agora comparar os differentes methodos photographicos, vendo qual é o preferivel e quando.

A chapa. — É um processo facil e instantaneo, a imagem fica exacta e bella. Os inconvenientes são a imagem ser unica, com um reflexo desagradavel, ser invertida e alteravel. Finalmente é despendioso por causa do preço da chapa.

O papel. — É barato, as imagens conservam-se bem, podem multiplicar-se quantas vezes quizermos. Se a imagem está fraca pode reforçar-se, e igualmente enfraquecer-se quando convenha. O papel não é isento d'inconvenientes. Em geral a imagem é confusa, não é perfeita. A principal causa da má disposição das sombras e claros é a textura fibrosa, as asperezas e cavidades que o papel sempre tem e que funcionam pela capillaridade.

O vidro albuminado. — O vidro prepara-se e transporta-se bem, porém é pesado e fragil. As imagens saem muito delicadas nos detalhes, mas não na distribuição das sombras, o que depende da facilidade

com que secca e da contracção que a albumina sofre com a seccagem. A acção da luz é muito mais demorada.

Collodion. — É rapido, e tem a vantagem do papel sem ter os inconvenientes. É porém muito fragil e altera-se com muita facilidade; basta o roçar d'um corpo ainda que macio, mesmo o pó, para que se destrua.

Em conclusão. Se quizermos obter um retrato unico e exacto, devemos empregar a chapa. Querendo copiar um monumento, uma paizagem etc. convém o papel.

Para tirar objectos de pequenas dimensões, vidro albuminado.

Quando quizermos um retrato que se multiplique, e rapidez, o collodion.

Vê-se pois que o futuro da photographia está todo no papel, é para ahí que se dirigem todos os esforços; muito se tem alcançado, e muito mais se hade conseguir.

Aplicações da Photographia.

A photographia é susceptivel de um sem numero de applicações importantissimas. Serviços de primeira ordem já ella tem prestado a um grande numero de sciencias, e cada vez mais extensas vão sendo suas applicações. Para poder fazer idéa d'esses serviços é necessario considerarmos cada sciencia por sua vez.

Historia Natural Os processos photographicos concorrem d'um modo poderoso para o aperfeiçoamento da historia natural, e facilitam bastante o trabalho. O estudo das raças humanas, a anthropologia se poderá desinvolver, por isso que hoje é facil copiar os differentes typos e reproduzil-os um sem numero de vezes sem difficuldade. Ja ha collecções de typos de differentes raças, e mesmo de typos de idiotas, doidos, etc. o que é importante para a physiologia.

Em segundos se conseguem desenhos os mais exactos d'animaes, vegetaes, mineraes, ou inteiros ou parciaes, modelos que servem para fazer collecções que se espalham pelas mãos de todos os homens de sciencia.

Não são só os objectos que tem grandes dimensões, são mesmo os objectos microscopicos que se copiam e conservam-se assim suas imagens. É uma applicação importante a que se faz para copiar objectos amplificados pelo microscopio. Não só se conseguem assim reproducções fieis dos objectos; mas por um preço insignificante.

Physica. Filha da physica, era a esta sciencia que a photographia devia prestar e tem prestado mais serviços. A comparação da intensidade de differentes focos luminosos ou a *photometria*, parte da physica difficil d'estudar e pouco rigorosa apesar dos trabalhos de Bouguer, Rumford e Wheatestone, acha na photographia um precioso auxiliar, pois pela intensidade de alteração da camada sensivel, se pode calcular a da luz. A theoria o dizia, a pratica o tem confirmado.

Mrs. Fizeau e Foucault dois experimentadores infatigaveis, cujos nomes são destinados a viverem eternamente pelos serviços que tem prestado á physica, tem comparado por meio da photographia, e com segurança, as differentes origens de luz naturaes ou artificiaes que se empregam nas artes, na industria e economia domestica. Tem-se igualmente comparado a intensidade da luz solar com a da lua e das estrellas, e com a dos objectos terrestres.

(1) Agua distillada 800 grammas
Sal puro. 48
Dissolva e filtre

As observações meteorológicas podem com facilidade fazer-se de hora a hora, de minuto a minuto, de segundo a segundo, com osapparelhos photographicos. Tem sido principalmente para as observações magneticas, inclinação e declinação d'agulha, que se tem empregado a photographia. Os apparelhos photographicos, registradores das observações magneticas, figuraram na grande Exposição de Paris, e chamaram a attenção de todos os sabios que visitaram aquella casa.

A meteorologia se tem aproveitado da photographia para estudar a altura das nuvens. Para ver se a intensidade da acção chimica da luz solar é a mesma ou differente nas diversas horas do dia; o estudo da acção chimica dos differentes raios do spectro, tem tambem sido aproveitado pela physica.

A astronomia a aproveita para o estudo dos eclipses, cometas, etc. A architectura, a cosmographia e archeologia tiram partido do daguerreotypo para copiarem os monumentos mais notaveis de todas as localidades do globo, antigos e modernos, e fazem em pouco tempo, como diz Arago, o que legiões de desenhadores só em muitos annos podiam conseguir, v.g. a copia dos hieroglyphos que cobrem os grandes monumentos do Egypto.

Assim a photographia é e deve ser considerada como representando um papel importante entre as maravilhosas descobertas do nosso seculo.

Só nos resta examinar qual é o partido que a pintura e o desenho podem tirar da photographia. Diversas são as opiniões que ha sobre este ponto. Em geral as provas em chapa não apresentam a mesma força nos tons, que tem o original; assim já tons fracos apparecem reforçados, já tons notaveis ficam desaparecidos. Além d'isso a perspectiva soffre e soffre muito, sobretudo a perspectiva linear, o que é

quasi a necessaria consequencia do emprego d'um apparelho, que dá differentes focos conforme a distancia. O mesmo se pode dizer da perspectiva aerea.

Finalmente tem o defeito de apresentar o objecto tal qual é, o que ás vezes é bom, mas em geral tem inconvenientes. Quem ignora que, n'um quadro qualquer, um dos grandes merecimentos do artista está em fazer concentrar a attenção toda sobre certas e determinadas partes? O fundo d'um retrato deve ser simples e de cores fracas, não deve chamar a attenção, que deve ser dada ao retrato etc. N'uma palavra, falta-lhe a inspiração. A mesma vista copiada por differentes artistas não se apresenta equal; o genio revela-se logo. Podemos pois dizer que o valor artistico é insignificante; que o desenho e a pintura pouco podem esperar da photographia em chapa.

No papel acham-se mais bem produzidos os tons, mais bem traduzidos; e não admira esta differença se attendermos a que o papel impressiona-se em grande espessura, ao passo que a chapa só muito superficialmente. Já dissemos quão tenue era a camada do iodureto de prata. Não são necessarios argumentos para qualquer se convencer da verdade do que deixamos dito; bastará ver as collecções que ha já de vistas photographicas e achar-se que esta opinião é verdadeira. Assim, a photographia em papel presta verdadeiros serviços ao artista, e é sobretudo para o estudo das rolissas, objecto difficil, que o artista a pode aproveitar.

Nada dizemos da gravura e reproducção galvanoplastica das photographias, applicação notavel e importante da arte que estudamos. É objecto um pouco alheio a este assumpto. O mesmo dizemos do stereoscopia.

J. A. DA SILVA.



JOGO DOS ROMANOS.

A nossa estampa é copia de uma pintura antiga achada em 1748 nas excavações d'Herculano, e representa um jogo de rapazes, hoje totalmente desco-

nhecido e de que não tem podido achar-se noticia ou descripção nos autores gregos e romanos, que nos conservaram memoria de outros muitos, tanto dos

que caíram em esquecimento como dos que ainda estão em voga. A pella, a barra, e outros exercicios são de remota antiguidade; Atheneu, Suidas, Macrobio, mencionam alguns jogos e brincos infantis. porém nenhum se parece com o que se divisa n'este painel; ao passo que lhes não esqueceu o jogo dos pares ou nunes, a que alludem Aristophanes no *Plutus* act. 4.º sc. 1.º, Horacio no liv. 2.º sat. 3.º e que Suetonio diz ser um dos divertimentos de Augusto depois da ceia, como se lê na vida que escreveu d'este imperador, cap. 71.º

M.

FASTOS AÇORIANOS.

VI.

SAN JOÃO.

«San João, meu San João,
Santo de tantos primores,
N'esta noite abençoada,
Oh! trazei-me os meus amores!»
GARRETT — ROMANCEIRO.

Como é formoso e poetico este nosso San João! A alma de novos e velhos se delicia com elle: de longe o conjuram, e todos esperam anciosos: com sofreguidão o gosam, e entre melancolias e saudades se despedem d'elle por todo um anno de amargosissima ausencia. É geral este sentimento de o bem querer, e de o chorar na despedida: por toda a parte nem ha santo mais popular e folgasão, nem festejos de mais ingenua sympathia!

«Té os moiros na Moirama
Festejam o San João.»

Mui remoto é em verdade o costume de o festejar. Quem não verá n'esses usos e ceremonias com que se lembram d'elle os povos do norte, vestigios evidentes da antiga religião druidica? O culto do sol, e a festa do solsticio, que os druidas por esses dias de junho celebravam nol-o comprovam. Hoje, como então, os fogos interrompem a escuridão da noite: nos objectos lançados nas fogueiras se procuram vaticinios: arvores incendiadas alumiam os cumes dos montes: interroga-se o reverdescer das flores chamuscadas: a multidão entusiasmada entoia lóas e descanta mil hymnos namorados!

Enlevo de moços e desinquiets são nas ilhas dos Açores as fogueiras nocturnas na vespera do dia commemorativo do Baptista. As creanças madrugam para consultarem o destino na forma prophetica que tomara a clara d'ovo fresco, mergulhada no copo d'agua exposto ao sereno da noite; — se é de altar que prognostique sacerdocio; se é de navio que inculque viagens; se é de leito que diga casamento; se é de tumba que annuncie proximidade de morte.

Formosas e não formosas cidadãs, com bochecho d'agua pura, esperam do acaso a sentença do nome d'um conjuge. Camponezas armadas de varapau, e carapuça provincial, acantoadas detraz da porta comem o ovo primicia da gallinha nova, para que o santo, que não é menos casamenteiro que Santo Antonio nos horisontes de Lisboa, se dê pressa em trazer lhe o matrimonio e lhes conceda ventura, que assim tambem chamam áquelle primeiro ovo. A alcachofra chamuscada, no reflorcer ao sereno, responde a instantes interrogações d'amor. As sortes,

que a agua hade dar e abrir, ficam para sempre registadas na mente meio anhelante, meio supersticiosa, que n'ellas, como em Evangelho, constitue uma religião unica. As praias, cujas aguas n'esta madrugada tem privilegios de benção, e servem a curas maravilhosas, povoa-as a multidão que quer purificar-se n'esta nova piscina.

Os rostos fazem-se mais formosos e juvenis com a agua serenada; aquella que se toma na bica media de certos chafarizes entre as onze e a meia noite tem virtudes mysteriosas. Com orações cabalisticas, ante mesa de alvissima cobertura, velha paciente espera toda a noite o rapido desabrochar da penna, que a *bolianna* no fim de sete annos de consorcio com o *barbasco* (plantas) procria para dar riqueza e felicidade ao que acerta colhel-a ou possui-a. Toda esta noite emfim se crê a melhor azada á colheita dos elementos mais proficuos a sortilegios e feitiçarias; porque quem falla em noite de San João diz *feitico*, que tão feiticeira e enfeitçada é ella, que só a recordação das myriadas de superstições que lhe são inherentes nos levaria mui longe, e desgarrara.

Se a noite tem encantos, e lóas, e cavalhadas, folgares não menos variados tem o dia. De flores, e loiros, e primicias das fructas do verão se adornam varandas e balções: as danças e emmascaradas populares são frequentes: o campo presta sombra e frescura a recreios multiplices. Lembram por exemplo os balhos e a concorrência no ameno e pittoresco valle das Furnas, na ilha de San Miguel; lembram as *moiriscadas*, que por aquelles campos se tem repetido muitas vezes; lembram as *loiradas* que são o delirio da mocidade de Angra, na ilha Terceira.

Nada mais bello no mundo do que a consciencia sã e bem disposta, exultando com o recreio, que rescende suavissimos perfumes de innocencia! É por isso que a ingenuidade d'estas alegrias do bom povo açoriano é uma coisa inestimavel. Nem desas-ocegos de espirito, nem perturbação de consciencia o martyrisam e rebellam: indole pacifica e diligencia no trabalho, o tornam sobre todos admiravel. Crenosheis vendo-o a braços com as poeticas innocencias do San João; e razão de sobra tem elle para lhes consagrar affecto particular, porque mal ajuisa a philosophia presumçosa quantas lições da experiencia e estudos da moral se contém na idéa e accessorios de um feitico. Bom povo, que ainda acatas essas reliquias de usanças tão poeticas, possam o tempo e as circumstancias não te viciar os instinctos!

E o valle das Furnas? Aos balhos, ás fogueiras, aos concertos, junta-se a harmonia das vozes, o estridulo accento da viola, a tão singular e vivificante frescura do campo, o murmurio das fontes, a corrente das ribeiras, a lua e as estrellas espelhando-se na doce ondulação do inhamal, o ronco subterraneo das solfatáras, o fervor das caldeiras, o eco das quebradas, e tereis longinquo prospecto da magestade do logar, nas horas breves d'aquella noite seductora. O amanhecer no valle é nova variante da physionomia d'este dia de romagem. Centenares de pessoas das convisinhanças, e de toda a ilha, descem as avenidas e estradas d'entorno. Nem velhos nem creanças perdem quinhão. Com sainetes e descreantes galhofeiros váe cada grupo enganando a fadiga do caminho, ao som da viola, amiga inseparavel do romeiro. Enfunados pela brisa da montanha os chales brancos e carmezins ondeam sobre os hombros das mulheres. A perspectiva que as roupas variegadas dos caminhantes offerecem, parece entrançado de fitas multicores reflectindo os primeiros raios d'um sol

esplendido. Entrados no valle, as caldeiras, o largo da igreja, o tanque, o jardim da casa do prazer, são estancias em que se apiubamromeiros e curiosos; em que n'uma sociedade mixta, meio cidadã, meio aldeã, fervem balhos e cantares; em que a alegria e satisfação interna se revelam na vivacidade dos movimentos e nacarado das faces. Que saudavel, balisa de esquecimento posta entre as dores e recordações pungentes do passado, e os indefiniveis receios do futuro! Mas, tão instavel, tão momentanea, tão ephemera que ella é!

E as moiriscadas? O que é isto que tanto fanatiza o povo, e lhe dá praça a ostentar o seu tacto plastico, nem sempre dos mais finos? Sirva de exemplar a descripção d'uma que ha annos se deu no norte da ilha de San Miguel, no adro da igreja parochial do Bom Jesus, logar de Rabo-de-peixe. (1) O dia e a estação lhe desafiavam concorrentes a milhares. D'uma extremidade do adro corre sobre a praça tablado elevado: é o palco scenico. São moiros scenario e vestuario; moiros actores; moira toda a acção e relação: a lingua que fallam ainda mais moira e serracena! Tratam ali amores, e raptos, e consorcios ou combate de morte (fim de tão banalissima frequencia em romances vulgares, e quejandas peças de theatro!) e no meio da fingida confusão e alarido, o povo ri, applaude sem intender, vivorea o embaraço d'actores improvisados! Para que tudo seja singular até essa especie de drama, versificado a seu modo com variedade de metros, é composição de José Raposo Abelha, homem desconhecedor até dos rudimentos do ler e do escrever, que ao sol dos campos consome a vida, e com a enxada e o arado constrange a terra a resolver-se em fructos.

Se sorte mesquinha o privou de educação liberal, e ambas d'uma grande capacidade litteraria, que nos condecorasse, a verdade é que n'aquillo mesmo que fez manifestou superioridade de genio. Quantos solitarios, como elle, por ahi ha, cuja lapidação pudera fazel-os preciosidades valiosas e uteis!

Depois d'estes e que taes folguedos, o bom povo açoriano vê anoitecer com pena o dia 24 de junho! Apoz lidas, o repouso: apoz o saltar e tripudiar do dia, o recolhimento da noite, a esperança de novos factos, o refocillar das forças para a lucta d'outros regosijos espontaneos e insuspeitos.

JOSÉ DE TORRES.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX.

(Continuação.)

N'essa mesma tarde estava Ondotó hospedado na casa do marabuto, para onde Boukari o transferiu a aprasimento de todos, mas não sem algumas lagri-

(1) Estas e outras que taes, despontaram nos moradores d'este logar ufania pouco virtuosa. Venha em confirmação do que dizemos certa anecdota historica, occorrida ha poucos annos. N'um logar publico de Ponta-Delgada, capital da ilha, algumas pessoas amadoras da arte liam um drama. Entrementes acercaes d'elles um homem do campo, que fica embevecido porque a leitura prossegue. Admiram a attenção do homem: perguntam-lhe se o prende o gosto, se sabe o que aquillo é em fim. Responde affirmativamente, e conclue: «Se sei o que isso é? pudera não, quando sou da terra em que se inventaram as comedias.» Indagado o caso era o homem natural de Rabo-de-peixe! Por aqui se vê, que só agora poderão os historiadores aliar com a verdadeira origem da comedia....

mas da joven moira, que tinha saudades do seu namorado: mas a separação era necessaria, devia não ser longa, e mais breve seria quanto mais depressa começasse; a moira resignou-se.

Poucas semanas depois a mesquita de Bissa-Amadi achava-se cheia de effendis (sacerdotes principaes) e marabutos, assim como dos principaes mandingas, e de um povareo immenso que ia assistir á profissão de mahometismo do joven papel, e que a festejavam. Então recebeu Ondotó o turbante e todo o vestuario mandinga, que o fez ainda mais bello porque era mui hem apessoado. Os grandes complimentavam-n'o pela sua conversão, as turbas applaudiam-n'o, e os marabutos murmuravam os louvores de Allah, e engrandeciam as misericordias do seu propheta, que assim se manifestavam sobre este idolatra. É desnecessario dizer que a familia de Boukari assistia á cerimonia, que o neophito musulmão foi apresentado no seu novo traje á linda moira que o desejava para seu senhor; e que juntamente com elle tomaram todos para casa do primeiro cathequista e futuro sogro, onde havia um grande banquete para festejar este feliz acontecimento.

O banquete foi como todos os banquetes. Estes moiros não são abstemios, e d'isto fazem elles bem alta profissão, tomando até o nome de *Soninquex*, que quer dizer que não aborrecem o vinho: para que heide portanto demorar-me a contar o que ali se passou, e que foi o que se passa em todas as funções em que ha bebidas com abundancia, e gente que, se pudesse, convertia-se em tonel para que lhe não faltasse nem uma gota.

Eu ri-me ao ouvir isto, lembrando-me de um official que estava na Villa da Praia, e que era tão amador de bebida, que n'uma occasião beben uma garrafa de cognac suppondo que era de vinho do Porto; e n'outra occasião, apesar de me ter uma zanga que tocava quasi uma formal inimidade, poz-se a um jantar a fazer-me tantas saudes, que não lhe esqueceram nenhuma qualidades physicas e moraes, que não me attribuisse para ter a honra de beber em honra d'ellas, ao passo que eu tremia que o homem caisse por terra com o peso do vinho: mas qual? levantou-se tão lepidio como eu que sómente bebi agua.

O banquete acabou muito pela noite dentro. Os alegres convivas retiraram-se, parte por seu pé, o maior numero conduzidos pelos seus escravos, e pelos de Boukari; e este assim que se viu só com Ondotó convidou-o a vir com elle tomar o fresco para uma varanda da casa que deitava para uma plantação, além da qual se achava um bosque.

Havia pouco que ali se achavam, praticando sobre as combinações que cumpria fazerem-se logo que o papel casasse com a moirinha, já se sabe, depois de ter-se mostrado perfeitamente obediente aos desejos de seu futuro sogro; quando de repente ouve-se um grande barulho na casa, como se tivesse havido uma irrupção dos futa-fullas, guerreiros muito pouco para graças, que ás vezes caem d'improviso sobre as povoações e as casas que põem a sacco: uns gritos abafados, e o tropel de gente que corre em differentes direcções, denunciavam algum facto extraordinario... Um grupo de homens armados entra na varanda, lança-se sobre Ondotó, prende-lhe os braços para traz das costas, e tapa-lhe os olhos com uma venda, e arrebatá-o por meio de dois homens que o seguram pela cabeça e pelos pés; em quanto um dos da tropa aproxima-se de Boukari, lhe aponta ao peito uma *silama* (espada) ameaçando-o de atravessal-o se desse um grito. O mandinga não procurou ve-

rificar se a ameaça não passava de um gracejo, e guardou completo silencio. Algum tempo depois da saída de Ondotó, Boukari e o seu guarda saíram juntos o mais amigavelmente possível, ao menos em apparencia.

Ondotó no meio dos seus raptadores perdia-se em conjecturas, e a mais melancolica, a mais cruel de todas era aquella em que se demorava. Parecia-lhe que tinha caído nas unhas dos emissarios do governador de Bissau, ou dos de Gambia; e que o seu sangue estava destinado para pagar o preço do sangue (a torna) pelo homicidio de Pimping: e isto para quem se via nas vespuras de possuir aquillo que era o supremo objecto de seus ardentes e tão diuturnos desejos, era um desfecho tão doloroso como o de um ministro que se vê precipitado das alturas do poder no abysmo da despresadora indifferença do povo, na propria occasião em que contava obter a approvação de uma medida que havia de eternisal-o no mando, e adquirir-lhe o arredondamento de uma fortuna, que ha alguns annos, laboriosamente e á custa de mil torpezas e violencias andava accumulando. E comtudo, por mais desgraçada e insupportavel que pareça a posição do ministro, a de Ondotó era mil vezes mais cruel, porque devia contar com a morte.

Felizmente para este, ainda a idéa da morte não se apresentava bem clara ao seu espirito, quando os que o acompanharam entraram com elle n'uma casa, desligaram-lhe os braços, desvendaram-lhe os olhos, offereceram-lhe mui cortezmente um tamborete para sentar-se, e cortejando-o em silencio, retiraram-se. Onde estava elle? o que lhe queriam? as attensões com que agora o trataram contrastavam completamente com a violencia brutal com que o tinham arrebatado da casa de Boukari.

Olhou em roda de si, e achou-se n'um pequeno quarto pintado de preto, quer pelas paredes quer pelo tecto; a um canto estava uma pequena mesa, e n'ella uma lamparina dentro de um pharol de navio, que tinha por vidros delgadas chapas de madeira do ar por onde a luz saía pallida e amortecida. Levantou-se, e chegou á mesinha, mas logo recuou d'espanto porque proximo do pharol estava uma caveira sobre dois ossos em aspa, um gallo empalhado na attitude de cantar, e um relójo de areia. Ainda que não soubesse a significação dos ultimos emblemas, a presença da caveira, e n'aquelle sitio, e sem saber para que o tinham ali, era bastante para o encher de pavor. Um arripiamento de frio correndo-lhe ao longo da espinha dorsal se estendeu por todo o corpo, e os nervos tiritavam-lhe como se estivesse eurtindo o frio de uma sezão. Este estremecimento de medo foi curto, digamol-o em honra de Ondotó, mas não pôde negar que teve medo.

Em quanto o papel se entrega ás mais funebres meditações, Boukari e seu companheiro caminhavam conversando muito á mão por outro caminho para a casa para onde se havia conduzido Ondotó pelo modo extraordinario que vimos. A casa era de uma architectura notavel para aquelle paiz; as paredes tinham de altura uns nove a dez pés, e sobre ellas assentava o tecto, formando um perfeito angulo recto e que se estendia uns seis a sete palmos fora da casa, supportado por quatro postes de cada um dos quatro lados da casa, o que formava uma especie de galeria por onde se podia passear á sombra durante os calores do dia, com janellas, no intervallo aos dois lados da casa; e na frente e na rectaguarda,

tinha além d'ellas uma porta, que como os postigos das janellas eram de madeira de mogno.

Ao aproximarem-se da porta da entrada que parecia fechada, abriu-se de repente, algumas pessoas aproximaram-se dos recém-chegados, a quem fallaram em voz baixa, e depois cada um tomou por vias diversas para o interior da casa. Ali os deixarei, até mesmo porque não tive quem me contasse o que se lá passou.

Alguns momentos depois abriu-se de subito uma porta mascarada do quarto em que se achava Ondotó, e entraram tres homens dois dos quaes com o rosto coberto com uma especie de capuz caído que tinha tres aberturas, duas correspondentes aos olhos e a terceira ao nariz; o outro, a quem elles chamavam *Coural-Inérigo* (irmão-trovão) com umas compridas barbas, e o rosto pintado para lhe dar uma apparencia *terrivel*, estava carregado de armas, e empunhava um *Labé* (punhal) que levantou sobre o peito do papel, em quanto os dois lhe tiravam a tunica, e a camisa do lado esquerdo para ficar o peito e o braço do mesmo lado completamente nú, erguiam-lhe a calça do mesmo lado até á altura do joelho, e tiraram-lhe a sandalia do pé esquerdo. Feito isto, ataram-lhe uma corda ao pescoço, e com as pontas que pendiam para traz prenderam-lhe os braços, não a doer-lhe, mas de modo a privar-o dos movimentos: e por fim vendaram-lhe de novo os olhos.

N'este estado fizeram-n'o andar por mais de dez minutos em diversas direcções, e de vez em quando uma forte viração vinha bater-lhe no rosto, como se de repente se achasse exposto ao ar livre em quanto percorria um longo caminho antes de chegar ao termo; e Ondotó seguia com a impassibilidade apparente de um selvagem, mas com o terror no coração. Por fim pararam. Um dos que o acompanhava bateu uma forte pancada a uma porta, ouviu-se dentro um grande rumor e tinido d'espadas, como se apinhados de improviso os que estavam dentro procurassem defender-se e vender caras as vidas. A pancada repetiu-se com mais força, abriu-se a porta com impeto, sente-se um grande rumor, e Ondotó é impellido violentamente, dizendo o que o empurrou:

— Aqui vol-o entregò, fezei d'elle o que vos parecer.

Com a força do empurrão, dado quando menos o esperava, Ondotó cairia no chão se o não amparassem; mas apenas adquirira o equilibrio sentiu sobre o peito nú a ponta de um ferro que a elle se encostava: e então se estabeleceu o seguinte dialogo.

Continua.

SOUSA MONTEIRO.

BIBLIOGRAPHIA.

Acha-se no prelo a comedia — *Como se sobe ao poder* — de L. A. Palmeirim.

A comedia — *O Camões do Rocio* — de I. M. Feijó.

O drama — *A Torre do Corvo* — pelo mesmo autor.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.